

"CANUDOS" - UM ARTIGO DA NBH

Adelino BRANDÃO

Em seu número 168, referente aos meses de Janeiro/Março, 98, a **Notícia Bibliográfica e Histórica**, tão bem dirigida pelo mestre Odilon Nogueira de Matos, insere o artigo "Canudos", de autoria do historiador José Romero Araújo Cardoso, pp. 20-22, comentando a guerra no sertão, em 1897, e a figura de Antônio Conselheiro. Um artigo louvável, sob todos os aspectos, e merecedor de aplausos, não fora uma afirmação infeliz, totalmente descabida, sem sustentação nos fatos e contrária ao consenso inteligente universal. Escreve o autor (cuja opinião respeitamos, mas não o vazio da interpretação): "Euclides da Cunha, quando cobria o conflito como enviado do jornal **O Estado de S. Paulo**, fez uma importante denúncia literária, mas não soube interpretar a razão da galhardia com que se portaram os guerrilheiros do belo Monte."

Ora, o que vemos em **Os Sertões** e justamente o contrário. O livro de Euclides não é apenas uma obra de arte literária, mas a mais correta explicação ate agora tentada, a mais segura, a mais sustentável, diante dos fatos e das teorias sociológicas modernas, das razões que levaram os canudenses a resistir ate o aniquilamento total do arraial, pelas forças legais. Depois de Euclides, todos os grandes historiadores e sociólogos que trataram do assunto, não chegam a conclusões diferentes ao do escritor fluminense, e a crítica mundial é unânime em afirmar que a interpretação euclidiana, com suas falhas naturais, à luz de nossos dias, foi a mais exata, em termos científico e ainda hoje válida. Haja vistas às observações e críticas de Sílvio Romero, José Veríssimo, Roquette-Pinto, Coelho Netto, Araripe Júnior, Monteiro Lobato,... e, mais modernamente: Gilberto Freyre, Fernando de Azevedo, Moisés Gicovate, Olympio de Souza Andrade, Afrânio Coutinho, Octávio Brandão, José

Maria Bello, Néelson Werneck Sodré, Leopoldo Bernucci, Afrânio Peixoto, Paulo Dantas, Eugênio Gomes, Márcio José Lauria, Fábio Lucas, Sylvio Rabello, Alberto Rangel, Guerreiro Ramos, Leandro Tocantis, etc., para citar apenas alguns nomes brasileiros. Entre os estrangeiros, vejam-se, Georges Gurvitch, Robert Levine, Alfredo Povina, Bruce Wallace, etc. que falam sobre o pensamento euclidiano, a sociologia de Canudos e concordam com as teses de **Os Sertões**. Ignorar esses e outros autores e dizer que Euclides **não soube interpretar** o fenômeno de Canudos, é temeridade, se não, ousadia ou ingenuidade imperdoável. Se não for desconhecimento e falta de leitura de **Os Sertões**. Ou preconceito em sua apreciação. Que isto, existe, de parte de certos críticos, mais preocupados em fazer proselitismo Filosófico, demagógico, partidário, ou enfeitar-se de "moderno", revolucionário, demolidor de mitos, "original", do que com a verdade.

Não desconheço a bibliografia apresentada pelo distinto e inteligente autor, José Romero Araújo Cardoso, certamente em excelente companhia. Mas, em matéria de julgamento da obra literária e científica de Euclides, com as exceções de praxe, os nomes arrolados não merecem fé. São suspeitos e nem sempre intelectualmente honestos (com as exceções, repito). A tese de Rui Facó, que tanta celeuma causou à época da publicação, hoje está um pouco desacreditada. Passou o auge do monopólio das interpretações marxistas no meio intelectual e acadêmico brasileiro, e os comunistas e socialistas ou esquerdistas de toda casta dominam menos em nossas Universidades. O livro da Dra. Walnice Galvão, **No Calor da Hora**, não estuda as reportagens de Euclides, enviadas da Bahia para o "Estadão, nem seu livro. Edmundo Moniz esforçou-se, anticientificamente, e sem nenhum documento, em provar que Antonin Conselheiro era mais inteligente e mais preparado e culto do que Euclides. Uma espécie de segundo Platão, um Tomás Morus ressuscitado, um novo Aristóteles, um Campanela redivivo. Tolice que muita gente levou a sério. Seu livro é uma piada, ou mera ficção-científica. Fantasias. Não é bibliografia confiável ou que sirva para sustentar qualquer tese sobre Canudos, o Conselheiro e menos ainda Euclides da Cunha e **Os Sertões**, que Edmundo Moniz se esforçou, em vão, por demolir, em função de um facciosismo político irritante e ate ridículo (**A Guerra Social de Canudos**). O saudoso professor Ataliba Nogueira era uma grande alma e excelente jurista. Mas sofria de uma

fobia euclidiana que lhe prejudica as críticas e o julgamento sobre o Conselheiro, Canudos e Euclides. Monarquista extremado, detestava o escritor, porque este era republicano. Católico, ultramontano, ultraconservador, fundamentalista, devoto e piedoso, o prof. Ataliba tinha profundos ressentimentos (e os não escondia), contra o sociólogo de Canudos, que considerava um dos grandes responsáveis pela queda da dinastia dos Braganças, no Brasil e avanço da filosofia positivista, atéia. Ataliba Nogueira não admitia o ateísmo e não tolerava nutras religiões que não a oficial, dos tempos imperiais. Mais, ainda: desconsiderava a obra do artista. Achava **Os Sertões** obra condenável, como literatura; em seu livro, minimiza e tenta apequenar o escritor, desprezando sua ciência, achando-o atrasado, e pseudo-científico, acusando-o de ateu e materialista, coisa que Euclides nunca foi. Em suma: estivesse no poder do professor Ataliba Nogueira, este colocaria Euclides no **Index**, baniria seu nome das escolas e dos livros de História, e entronizaria em seu lugar Antônio Conselheiro e suas **Prédicas**. Sobre estas, qualquer um que os leia, poderá afirmar que é um amontoado de disparates, do ponto de vista literário e uma espécie de "samba do crioulo-doido", contra República e o clero nacional. Sobre esta base frágil, concluem os maus leitores de Euclides que o líder espiritual de Canudos era portador de uma mensagem social transcendental. Na verdade, era um dos muitos "profetas" a pregar uma religião pessoal, num meio ignorante, ágrafo, pobre, miserável ou de espertalhões da política, a explorar a ingenuidade e religiosidade dos sertanejos. Como ainda hoje. De resto, a tese de os Dois Brasis ainda me parece atual. Veja-se J. Lambert (**Os Dois Brasis**).

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Lopes de: **Uma Introdução à Sociologia das secas**, A Noite Editora, Rio de Janeiro, 1948.
- ANDRADE, Olímpio de Souza: **História e Interpretação de "Os Sertões"**. Edart, S. Paulo, 1966.
- AZEVEDO, Fernando de: **A Cultura Brasileira**. Melhoramentos, S. Paulo, 1963.
- BASTOS, Abgaur: **A Visão Histórico-Sociológica de Euclides da Cunha**. Cia. Ed. Nacional. S. Paulo, 1986.
- BELLO, José Maria: **Inteligência do Brasil**. Cia. Ed. Nacional, S. Paulo, 1938.
- BERNUCCI, Leopoldo: **A Imitação dos Sentidos**. EDUSP, S. Paulo, 1995.

- BOSI, Alfredo: **A Literatura Brasileira pelos Textos**. Cultrix, S. Paulo, 1979.
- BRANDÃO, Adelino: **Paraíso Perdido: Euclides da Cunha, Vida e Obra**. Ibrasa Ed., S. Paulo, 1997.
- BRANDÃO, Octávio: **Os Intelectuais Progressistas**. Organização Simões. Rio de Janeiro, 1956.
- COUTINHO, Afrânio (Organizador): **A Literatura no Brasil** Editorial Sulamericana. Rio de Janeiro, 1971. Vd. Cap. "Euclides da Cunha", devido a FRANKLIN DE OLIVEIRA.
- CUNHA, Euclides da: **Obra Completa**. Aguilar, Rio de Janeiro, 1966.
- FREYRE, Gilberto: **Perfil de Euclides e outros perfis**. José Olympio, Rio de Janeiro, 1944.
- GURVITCH, Georges. **La Sociologie au XX-è Siècle**. Presses Universitaires de France, Paris, 1968.
- LAMBERT, Jacques: **Os Dois Brasis**. Cia. Ed. Nacional. S. Paulo, 1967.
- LUCAS, Fábio: **Interpretações da Vida Social**. Ícone. S. Paulo, 1995.
- MOURA, Clóvis: **Introdução ao pensamento de Euclides da Cunha**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1964.
- PEIXOTO, Afrânio: **Poeira da Estrada**, 3ª ed. Cia. Ed. Nacional. S. Paulo, 1944. Traz três capítulos sobre Euclides da Cunha e sua obra.
- GRÊMIO EUCLYDES DA CUNHA: **Por Protesto e Adoração**. Rio de Janeiro, 1919. Traz ensaios valiosos, de autores diversos, sobre Euclides.
- REALE, Miguel: **Face Oculta de Euclides da Cunha**. Topbooks, S. Paulo, 1993. O melhor estudo sobre o pensamento filosófico de Euclides.